

Progresso dependerá da rejeição ao dogma

Michel Salomon — Entre o remédio-milagre contra o câncer e uma versão contemporânea do elixir da juventude, uma série de medicamentos e métodos definem os contornos da medicina de amanhã. O que faz parte do domínio lógico da prospecção, na sua opinião?

Jean Bernard — Podemos sonhar com um país imaginário onde um governo ideal governa um povo feliz. A utopia é uma visão política ou social que não considera a realidade. De todos os métodos ou técnicas que mudaram o destino do homem doente, dos antibióticos ao fator Rhésus, da insulina à cirurgia cardíaca, não existe um só que não seja devido a pesquisadores rigorosos, competentes, que aplicaram a metodologia criada por Claude Bernard. Os progressos esperados virão de um conhecimento melhor sobre a especificidade dos fenômenos observados e das relações entre estruturas e funções. Os progressos precisam de uma rejeição aos dogmas e de um respeito pelos métodos. Podemos esperar dispor, na primeira metade do século XXI, de medicamentos contra o câncer baseados não na destruição das células cancerosas, mas no conhecimento dos próprios mecanismos da cancerologia e psicotrópicos baseados no conhecimento das propriedades psicoquímicas dos neurônios.

Todas as descobertas apresentam três fatores: um conhecimento profundo do assunto, um espírito aplicado e, finalmente, a sorte. É muito diferente da magia.

M. S. — A explosão demográfica vai tornar os homens mais agressivos?

J. B. — Não sei se eles serão mais agressivos, mas o fenômeno demográfico vai dominar o século XXI. O que se pode prever é miscigenação das populações, em razão da taxa de natalidade, alta em algumas e fraca em outras, que, provavelmente, provocará migrações pacíficas e, em consequência, a miscigenação.

É difícil prever se esses novos homens serão mais ou menos agressivos, mas serão certamente melhores do que nós, pois a biologia moderna mostra a vantagem dos híbridos. Esta é uma idéia em que acreditamos muito, e que constitui uma das grandes descobertas de nosso tempo, graças ao inglês Allison, e depois a Jacques Ruffié.

O melhor exemplo disso é o seguinte: existe, na África, há muito tempo, uma doença chamada anemia com hematias falciformes, e essa doença é provocada por uma anomalia da hemoglobina, anomalia chamada S (sickle cell). Como todas as afecções da hemoglobina, esta afecção é recessiva. Em outros termos, chamando de A a hemoglobina normal, distinguimos na África três tipos de indivíduos: os indivíduos AA, normais; os indivíduos SS, anêmicos; e os heterozigotos AS, portadores da doença, mas não doentes. Allison observou que esses últimos sobreviveram em número importante em relação aos outros dois grupos e que os indivíduos SS que, pelas leis de Darwin, já não deveriam existir, existiam ainda. A explicação reside no fato de que a hemoglobina S protege contra o paludismo. Tudo se passa como se o parasita do paludismo "quebrasse a cara" diante de uma hemoglobina mais rígida do que a normal. Daí os indivíduos heterozigotos AS serem muito favorecidos em comparação com os homozigotos AA, que são mais atingidos pelo paludismo, e com os homozigotos SS, que morrem geralmente de anemia.

Ruffié e seus colaboradores observaram os indígenas da Guiana Francesa, devastada pelo paludismo. Lá chegaram os escravos levados da África, portadores da hemoglobina S. Com o cruzamento entre as duas raças, um número cada vez maior de indivíduos heterozigotos AS resistia ao paludismo. E Ruffié atribui à introdução da hemoglobina S o recuo importante do paludismo na Guiana.

A vantagem das raças puras, de que tanto se fala, é ilusão. Nossos conhecimentos científicos provaram a vantagem dos híbridos e dos mestiços. É por isso que não temo a miscigenação das populações. Muito pelo contrário.

M. S. — O senhor acredita que o homem possa um dia viver até os 120 anos?

J. B. — Sim, isso será possível, porque encontraremos os genes da longevidade ou porque conseguiremos criar híbridos entre as células eternas — as células cancerígenas — e as células normais. Isso será desejável se conseguirmos obter, a partir de células indiferenciadas, a diferenciação do sistema nervoso. Faço aqui alusão aos trabalhos de Etienne Wolf e de outros sobre os crustáceos inferiores, os camarões, por enquanto. Primeiramente, acho que a existência dos genes responsáveis pela longevidade será confirmada um dia. A partir daí, o homem aprenderá, o que é uma perspectiva longínqua ainda, a modificar o código genético. O segundo caminho para o prolongamento da vida consiste nos hibridomas, que resultam da fusão de uma célula normal com uma célula cancerosa. Esta última confere ao conjunto a imortalidade. Já é possível criar tais hibridomas em laboratório.

M. S. — Os homens devem temer ver seu livre-arbítrio, sua liberdade alienados por novos medicamentos de ação psicotrópica?

J. B. — Com os psicotrópicos, sim, o perigo é real, inclusive nas sociedades

democráticas. Um país altamente democrático, como a Suíça, protegeu seus cidadãos da hipertrofia da glândula tireóide, introduzindo discretamente iodeto de sal, praticamente em segredo.

Outros países democráticos poderiam, com a melhor das intenções, baseados em relatórios científicos, introduzir, mais discretamente ainda, tranqüilizantes ou excitantes na água potável, por exemplo. E as ditaduras se serviriam disso ainda mais facilmente, se precisassem ter 30 milhões de "cordeiros" ou 30 milhões de "tigres", de acordo com a necessidade política do momento.

Mas, em nossas democracias, é preciso exigir uma larga publicidade que advirta o cidadão. Acrescento que não é certo que os medicamentos introduzidos na água ou na alimentação sejam mais perigosos do que a publicidade, a televisão e outras manipulações de opinião.

M. S. — As doenças mentais podem beneficiar-se significativamente com as manipulações do psiquismo por meio de psicotrópico ou da eletrônica?

J. B. — Não concordo com a forma tendenciosa dessa pergunta, me perdoe. Nossas atuais deficiências em psiquiatria vêm essencialmente de nossa ignorância. A psiquiatria atual lembra a medicina do passado. Ela é dominada pela teoria, como a medicina francesa no século XIX. Isso não é um bom sinal. Nos próximos 50 ou 100 anos, a química da célula do cérebro e sua física serão conhecidas. Provavelmente graças a técnicas que não podemos nem mesmo imaginar atualmente. Prepararemos medicamentos baseados na especificidade e na seletividade.

Uma comparação permitirá ilustrar minha afirmação sobre a situação da psiquiatria. Um hemofílico é atropelado e morre. Os médicos que o assistem se dividem em dois campos. Uns dizem: "Foi o acidente". Os outros dizem: "Não, muitas pessoas são atropeladas e não morrem. Foi uma perturbação na coagulação".

O problema da psiquiatria se coloca nos mesmos termos. Um complexo de Édipo pode perfeitamente ser causado pelo fato de que a mãe ou o pai foi assassinado, mas pode também ser explicado por alterações físicas e químicas dos neurônios. Assim, você curará um complexo de Édipo conhecendo-o, e este é o papel do psiquiatra, ou conhecendo a química do cérebro. É por isso que acho inútil essa discussão: estamos novamente diante do antigo confronto entre etiologia e psicopatologia.

Quanto aos meios eletrônicos utilizados nos Estados Unidos, a psiquiatria por computador, o bio-feedback, não acredito muito nisso. Acontece que, atualmente, conhecemos a química de quase todas as células do corpo, glóbulos brancos, células do pâncreas etc.; menos a do cérebro. Descobrimos os transmissores, ou seja, conhecemos os "fios telegráficos", mas não a "central de transmissão". Esta é uma falha grave, que, na minha opinião, será compensada graças aos notáveis trabalhos de homens como Guillemin e Chan-geux.

Acredito que, no futuro, teremos hospitais sem doentes, pois estes últimos ficarão em casa. Temos aqui também — como nos Estados Unidos — hospitais de permanência apenas diurna, mas, na realidade, acho que isto vai muito mais longe. Na verdade, é preciso analisar a situação com lucidez. Substituímos a crueldade da época de Henrique IV, quando vários doentes com tifo, peste, cólera ou varíola eram colocados lado a lado, por uma outra crueldade, que é obrigar homens e mulheres a viver nesse mundo desumano e distante que é o hospital.

Assim, proponho e imagino uma política mais humana da medicina: nas casas e apartamentos, serão instalados aparelhos que registram múltiplas informações sobre o doente, informações que serão transmitidas diretamente ao hospital ou posto médico. Os médicos que controlarão as máquinas receberão os dados, os discutirão entre si, como o fazemos atualmente, e darão ordens a outras máquinas para o tratamento.

Acredito que, assim, poderemos ter uma medicina muito mais humana, porque o papel do médico, ao contrário do que se diz, ganhará mais importância, por duas razões: primeiramente, é ele que comandará as máquinas, que, evidentemente, não podem substituir sua competência; além disso, ele verá um doente na sua casa, conversará com ele no seu meio ambiente. Acho, sinceramente, que será vantajoso tanto do ponto de vista moral como do ponto de vista econômico.

Os próximos 50 anos serão difíceis para a medicina, mas, se ela os superar bem, entrará numa época nova e prometedora.

Os progressos da biologia vão, segundo tudo indica, transformar o destino do homem e dos seres vivos durante o século XXI. A biologia, primeiramente, foi subordinada à medicina e agora a domina; agora, depois dessa época de progressos empíricos que conhecemos, virá uma etapa de progressos racionais. A biologia vai intervir na vida do homem em vários domínios: na terapêutica, na medicina preventiva, na produção de energia, na zootecnia, na indústria, etc.